

(para uma conferencia)

Antes de tentar ~~uma~~ análise do esboço do mundo religioso dos gregos que lhes desenhei na semana passada, me esforçarei por uma catálise das duas concepções gregas. Tentarei, em outras palavras, conceber o mundo simultaneamente da maneira orfica e olimpica, conceber um mundo comum dos gregos. E todos nós sentimos que existia uma concepção do mundo tipicamente grega, uma maneira historicamente singular de ver, sentir e compreender o mundo. Formularei em palavras ainda mais condensadas, do que na semana passada este substrato grego do mundo da seguinte maneira:

Existem para o homem não um, mas dois mundos. Um é ~~o~~ mundo dos sentidos, do senso comum, das opiniões divergentes; o mundo empirico, como diríamos nós, os netos dos gregos. Nesse mundo tudo corre, tudo se transforma, nada persiste, e, em consequencia, nada existe, pois nada pode ser apreendido. ~~o~~ Outro, ~~mas~~ ~~é~~ da razão, ou da visão interna, da sophia, da sabedoria; um mundo racional e ideal, como diríamos nós, os netinhos. Nesse mundo tudo é constante, imutavel, comprehensível e apreensível. ~~o~~ Esses dois mundos estão intimamente ligados entre si; são as duas faces da mesma moeda. O mundo imutavel se esconde por ~~de~~ ~~trás~~ do mundo das mudanças, ou, ~~de~~ ~~trás~~ ~~de~~ ~~mesmo~~ ~~coisa~~ ~~por~~ outro angulo, o mundo imutavel transparece através do mundo das mudanças. O problema mestre das religiões dos gregos, ~~e~~ da filosofia e da ciencia occidental em geral, (filhas das religiões), ~~é~~ ~~de~~ descobrir uma ponte segura, sobre a qual o homem ~~podessa~~ ~~via~~ ~~ajar~~ do mundo das apparencias para o mundo das verdades eternas. Trata-se de uma viagem tipicamente occidental, uma viagem de recreio e turismo; trata-se da "theoria". ~~Os~~ ~~indios~~ ~~também~~ ~~conhecem~~ a divisão da realidade entre as apparencias, (maia) e o substrato imutavel (o Brahman), mas ~~eles~~ ~~não~~ ~~querem~~ ~~construir~~ ~~pontes~~, ~~eles~~ ~~querem~~ ~~queimar~~ ~~as~~ ~~pontes~~. ~~Eles~~ ~~querem~~ ~~mergulhar~~ ~~por~~ salto mortal no Brahman, num suicidio intelectual e moral, abandonar-se ao Brahman. Em outras palavras, eles são pensadores eminentemente práticos e desconhecem a "theoria". O resultado, na India, é o abandono das apparencias e a elaboração de uma tecnica aperfeiçoada de mergulho no Brahman, o yoga. ~~o~~ resultado na Grecia é o mergulho nas apparencias à procura do fundamento eterno, justamente a teoria. Duas são as teorias, duas são as viagens dos sentidos para a razão, propostas pela religião dos gregos. Uma é a olimpica, a orfica ~~e~~ outra. A olimpica propõe que os rios das apparencias sejam represados, para ser ~~apre~~ ~~ndidos~~. ~~ranta~~ ~~rhe~~, tudo corre, mas pode ser retido mediante o espirito humano; pode ser simbolizado. Os deuses olimpicos são reprêsas da corrente das apparencias, são símbolos do mundo, e são imortais, ~~somente~~ ~~por~~ causa disto. São ideias, como diriam os filosofos gregos poucas centenas de anos mais tarde. O carater simbolico e ideal dos deuses e o rito simbolico a eles dedicado, é a teoria olimpica, a viagem a partir dos sentidos para a razão, proposta por uma das duas correntes gregas. A orfica propõe que o fundamento imutavel das apparencias ~~pode~~ ~~ser~~ ~~evocado~~ por uma capacidade do espirito humano, chamada entusiasmo. Se o homem se aproxima intimamente das apparencias, se as incorpora, se vibra com elas, ou para usar uma palavra grega, se tem sympathia ~~por~~ ~~elas~~, ~~as~~ ~~elas~~ ~~desvendam~~ o fundamento imutavel, a harmonia estetica e a mathematica. O aistheton, a vivência, o carater estético das apparencias e a sympathia ~~por~~ ~~elas~~ é a teoria, ~~aviagem~~ a partir dos sentidos para a razão proposta pela segunda corrente dos gregos. Resumindo, são dois os métodos gregos para a sophia, a sabedoria: através do rito e símbolo, e através da simpatia e entusiasmo.

Apparencia e fundamento (morphe e hyle), simbolo e entusiasmo, e finalmente sophia, são portanto os conceitos fundamentais dos gregos. A análise desses conceitos ~~no~~ ~~conduzirão~~ ~~diretamente~~ ao âmago da filosofia. Pois a religião dos gregos é profundamente filosofica e ~~para~~ ~~de~~ ~~si~~ a filosofia quase que imperceptivelmente. ~~Eu~~ ~~disse~~ que a religião dos judeus é alheia à filosofia e que a filosofia judaica tem um carater apologetico, pede desculpas não sómente pela fé judaica mas também por si mesma. Ao contrario da grega, que é uma especie de filosofia não filosofica, se me posso exprimir dessa forma. Os primeiros filosofos são na verdade ainda manticos, profetas religiosos, Thales e Parmenidas são bocas dos olimpicos, e Pythagoras é um Santo no sentido orfico da palavra. E Platon, essa personificação do espirito grego, é a sintese dessas duas religiões e da filosofia.

Mas é justamente o que não quero fazer, entrar na filosofia. Esforcei-me (hoje e na semana passada) para distinguir a religião, da filosofia grega, e para dar uma ideia do mundo grego antes da aparição dos primeiros filósofos. O que pretendo fazer é desenvolver os conceitos fundamentais dos gregos dentro do nosso mundo moderno, sem respeito pela contribuição da filosofia antiga. Portanto vou procurar descobrir o quanto somos ainda gregos nos nossos pensamentos, nas nossas crenças e nos nossos atos; o quanto somos todos orficos e olímpicos. Nada é mais fácil neste sentido de que generalidades fáceis. É fácil, por exemplo, mostrar a influência decisiva do orfismo sobre a forma externa e em grau pouco menor, sobre o conteúdo do cristianismo. Nada é mais fácil do que querer mostrar que a divisão entre o dionisiaco e apolíneo, marca todo o desenvolvimento ocidental, dando como exemplo, o humanismo como apolíneo, o barroco como dionisiaco, o classicismo como olímpico, o romanticismo como dionisiaco, e assim por diante. Da mesma forma seria fácil descobrir essas duas correntes dentro do pensamento moderno e chamar a filosofia logicista e formal de um Russell ou um Natorp de olímpica, e a de um Husserl ou Heidegger de orfica, ou chamar uma pintura abstrata de um Nicholson de olímpica e a pintura expressionista de um Bacon, de orfica. Digo isto para dar-lhes alimento para pensar e talvez formular perguntas, mas não é este caminho fácil e geral demais que escolhi. O que quero é tentar descobrir dentro de nós a base grega. Com esta finalidade começo com o conceito Ananke.

Tentei mostrar como, para os gregos, a necessidade, o destino, a lei orgânica domina as coisas, os homens e os deuses, e como a religião olímpica aconselha de utilizar essa lei para conseguir vantagens dos deuses para os homens, e a religião orfica se esforça por vencer o destino. Estas duas atitudes anti-fatalistas, esta não obediência à necessidade, continua característica do ocidente e são uma herança dos gregos. Ela tomou conosco a forma olímpica da ciência exata e a forma orfica da arte. A ciência teórica e o *l'art pour l'art* são o método europeu de enfrentar o destino, de utilizar a necessidade para os nossos fins, de desarmar Ananke. A ciência exata é o método de descobrir Ananke nos fenômenos da natureza, exprimi-la em símbolos matemáticos para compreender e aprende-la, de prever assim o futuro do mundo e poder modificá-lo. Diante deste método altamente eficiente a deusa Ananke modificou-se, ela se despiu de suas vestes morais e éticas, para ficar nua como causalidade. De certo prisma podemos dizer que o papel da ciência é justamente despir a necessidade da moral, transformar as leis de mandamentos em equações matemáticas, de imperativos em indicativos. Desta forma o destino perde, (assim esperamos ou esperávamos até há pouco) o seu aspecto terrífico para se tornar docil nas mãos dos homens. O progresso da ciência exata é justamente de submeter setores sempre crescentes às leis causais e subtrai-los assim do domínio das leis morais, desarmar Ananke em sempre novos campos de batalha. Até há pouco tempo era a esperança da humanidade branca de eliminar sucessivamente o aspecto moral de Ananke do campo da física, da química, da biologia, da psicologia, da economia, para, no fim, eliminá-la do mundo e da vida. Desta forma seria liquidada *tyche*, o acaso, uma face de Ananke, e a outra, *moira*, a que nos impele, se transformaria em nosso instrumento. Ao invés de sermos governados pelo destino, seríamos os seus senhores e utilizaríamos o destino para governar o mundo e a nós mesmos. A natureza e os animais obedeceriam à nossa vontade, justamente por obedecerem às leis da necessidade, e a sociedade humana seria organizada, de acordo com as mesmas leis, para servir à felicidade humana. No entanto, ultimamente, esta esperança está desmoronando e isto é uma das razões principais porque nos voltamos para consultar os gregos. Está aparecendo um erro fundamental na nossa atitude científica para com Ananke. Este erro discutirei quando analisar a *hybris*. Como a ciência exata, também a arte pela arte é típica da Europa. Em todas as outras culturas a arte serve à religião ou a alguma outra finalidade, e na China a arte é, por assim dizer, a religião, a expressão máxima da civilização do Extremo Oriente. Sómente do Ocidente a arte é uma disciplina à parte, uma atividade do homem divorciada das demais e com outra finalidade. Não quero negar que existe no Ocidente também uma arte religiosa, e uma arte política, uma arte engagée, mas o que importa é que existe também uma arte por assim dizer pura, abstrata no sentido verdadeiro da palavra. Em última análise o que o artista faz ao criar

uma obra de arte é criar um mundo novo, sujeito a leis impostas por ele, a leis estéticas isentas tanto de aspectos morais como causais, e leis formais, em uma palavra. O artista não é mais um senhor das leis, como o cientista, ele é o proprio legislador, ele não é mais o domador, ele é o criador de Ananke. No campo da arte pura, e somente nesse campo, o homem é verdadeiramente livre, é senhor do destino. Como Orpheus com sua harpa, assim o homem com sua arte vence as Erynias, vence a propria morte. Criando o mundo da arte, ele cria algo aere perennius, algo imortal e eterno. Que também esta tentativa de enganar Ananke é uma tentativa frustrada está começando a aparecer aos olhos da nossa geração, e é mais uma razão da nossa volta aos gregos. Também este problema mencionarei quando tratar da hybris. Nas nossas demais atividades que não a científica e artistica o conceito de Ananke é menos dominante. É que como cientistas e artistas somos gregos, mas como gente pratica, como politicos e trabalhadores, fieis e membros de familia somos muito mais judeus. No campo da pratica, isto é da moral, prevalece a noção judia do destino, a noção da vontade de Deus. Não resta duvida, no entanto, que também esta noção foi profundamente influenciada pelo conceito da Ananke. Todas as nossas tendencias de querer razoavelmente influir no destino, sem olharmos pelo lado etico dessa ação, sem pensar em pecado, são devidas a nossa inclinação de interpretar o destino como Ananke. Deixo para Voces de elaborar, no seu foro intimo, este tema tão inquietante de procurar distinguir dentro da nossa alma o quanto o destino se nos apresenta como resultado de uma previsão do amor paterno de Deus ou de castigo divino, e o quanto o destino é uma força cega, Ananke.

Passo a considerar uma noção aliada intimamente ao complexo do problema Ananke, passo a considerar a soberba, hybris. Esta deusa, ao mesmo tempo gloriosa e temivel, é a unica noção que conheço, pela qual o espirito grego se aproxima do conceito judaico do pecado. De fato, o mito de Prometheus tem certas semelhanças ideologicas com a historia de torre de Babel. Mas, são as diferenças mais que as semelhanças, que me interessam. Longe de considerar a hybris como algo vergonhoso, o grego a considera como o mais nobre dos feitos do homem. O rebelde, que se recusa a submeter-se a vontade dos deuses, que ri do destino, sabendo que será vencido na sua luta, este é o heroi no verdadeiro sentido desta palavra tão tipicamente grega. Proponho para a sua consideração este pensamento talvez surpreendente a primeira vista: toda civilização europeia do tempo moderno está sob o signo da rebelião contra os deuses, contra a lei divina, toda ela é prometheica, nos somos todos no fundo supersticiosos a hybris, ela é nossa deusa. X

Passo agora a considerar o conceito do pneuma. Tentei mostrar na semana passada como para os gregos o mundo era vivo, e tentei descrever o pneuma como a respiração do mundo. No entanto, essa descrição não é completa, não captura de tudo o que pneuma representava para o grego antigo: pneuma é a propria vida do mundo. Para nós, que temos uma imagem mecanica do mundo, se trata de uma noção dificil. Quero explica-la um pouco. Uma das nossas noções fundamentais do mundo é a lei da inercia: um movimento não precisa, para nós, de explicação, ele é caracteristico para o mundo, o que precisa de explicação, é a alteração desse movimento. Para os gregos o inverso é verdade. Se ~~um~~ o mundo se move, se algo dentro de mundo se move, isto acontece porque o mundo vive, e a causa de todo movimento, em ultima análise, é o pneuma. É evidente que um conceito assim deve profundamente influenciar o conceito de Deus judaico, quando essa noção conquistou a Europa. O Espirito Santo, este Deus imanente dos cristãos, é, naturalmente, um descendente do pneuma. Mas tratarei desse problema quando tentar explicar o mundo dos cristãos, e para hoje deixarei essa questão do lado. O que me interessa aqui é uma consideração diferente, a saber a evolução da ideia do pneuma até aquilo que chamamos espirito e idealismo. Ouso afirmar que somente o Ocidente produziu um verdadeiro idealismo, e que tudo no ocidente é profundamente marcado pelo idealismo, e que isto se deve ao pneuma. Fora da Europa, tudo que nós chamamos de espirito, é na realidade uma especie de materia rarificada. É, por assim dizer, um agregado muito fino da materia, um gás espalhado. Quando os indianos e os chineses falam em espirito, o que imaginam são

espectros. Quando um yogin treina o seu espirito, ele o treina com uma ginastica tipica ao copro, e começa, simptomáticamente, por uma tecnica de respiração. Efetivamente, o espirito para os buddhistas consiste em uma serie de corpos astrais, no centro dos quais é o nada. Para não falar dos assim chamados povos primitivos, que concebem o espirito realmente como cope visível. Não Europa acontece o contrario: o espirito não é material, ele é para falar com Kierkegaard, totalmente diverso. Ele não é sujeito as leis materiais, ele não pode ser descoberto na materia, ele é sui generis, e o problema eterno da filosofia europeia é tentar explicar como podem existir, lado ao lado, dois principios tão diversos no mundo, materia e espirito. É provavel que se trata de um problema falso, é provavel que a divisão não corresponde a nenhuma realidade. Mas o conceito do pneuma está tão profundamente enraizado em nós, que não conseguimos libertar-nos deste complexo. Para nós em ultima analise e a despeito de toda mecanica o mundo continua vivo e essa vida é o espirito. O espirito é aquilo que move os corpos sem interferir na causalidade material, me explico melhor: Se um fisico analisar o movimento do meu braço, ele seria capaz de descobris todas as fontes de energia, todos os vectores de força que resultam no movimento estudado. Nada faltaria, o movimento do braço estaria totalmente explicado. No entanto, a explicação é falha. Eu não movimento o braço por causa dessas fontes de energia, movimento-o, porque quero. É esta razão verdadeira do movimento, essa razão espiritual, não pode ser encontrada dentro do mundo da materia, não tem lugar nele, nem interfere no conjunto de suas forças. É uma razão totalmente diversa, no entanto a unica razão verdadeira. É o que a minha vontade é para o movimento do meu braço, é a vontade do Espirito de Deus quanto ao movimento do mundo. Não pode ser descoberto dentro dele, pelo contrario, o mundo se explica, em teoria, totalmente sem a hipotese de Deus. No entanto, uma explicação assim é tão falha quanto a explicação do movimento do meu braço sem respeito a minha vontade. Assim é o conceito de Espirito na Europa, em flagrante contraste da Asia materialista. O proprio materialismo Ocidental é na verdade idealista, se comparado com o Oriente. Talvez analisarei esta circunstancia numa das quartasfeiras vindouras. O nosso idealismo, tão incompreensível ás demais civilizações, deve-se ao pneuma. E creio que pode ser compreendido somente por quem compreendeu o pneuma. A diferenca entre espirito e alma que preocupa tanto os teologos cristãos, e é totalmente incompreensível fora do ocidente, deve se ao fato, de que a alma, conceito judeu, e o espirito, conceito grego, nunca se runderam. Tratarei deste problema quando falar do cristianismo. O nosso conceito do espirito, que provem do pneuma, faz com que achamos até certo ponto ridiculas as tentativas dos espiritistas de materialisar os espiritos. Eles, os espiritistas, são os únicos materialistas no Ocidente. Sómente eles podem conceber o espirito materializado. Acho que deixarei os demais conceitos basicos gregos que influenciam e influenciaram o nosso pensamento para a proxima vez. O campo de pensamento grego é tão vasto que creio permite trez conversas em vez de duas, já que somos, de acordo com Heidegger, conforme já disse, uma conversação com os gregos.